

The background of the cover is a reproduction of the painting 'The Scream' by Edvard Munch. It depicts a figure in the foreground with a pale, distorted face and an open mouth, looking out over a turbulent, dark blue sea under a sky of swirling reds and oranges. The overall mood is one of intense emotional distress and mental anguish.

MATHEUS FELIPE DE CASTRO (Organizador)

# MAL-ESTAR EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL:

Diálogos entre direitos fundamentais e psicanálise

  
**UNOESC**  
Fazendo parte da sua vida

**editora**  
**unoesc**

**PPGD**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO  
MESTRADO E DOUTORADO

**Editora Unoesc**

**Coordenação**  
Tiago de Matia

Agente administrativa: Simone Dal Moro  
Revisão metodológica: Esther Arnold  
Projeto Gráfico e capa: Saimon Vasconcellos Guedes  
Diagramação: Saimon Vasconcellos Guedes

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

M236 Mal-estar em tempos de isolamento social: diálogos entre direitos fundamentais e psicanálise / organizador Matheus Felipe de Castro. – Joaçaba: Editora Unoesc, 2020.  
56 p.

ISBN: 978-65-86158-35-9

1. Direitos fundamentais. 2. Psicanálise. 3. Isolamento social. 4. Psicologia social. I. Castro, Matheus Felipe de, (org.).

Doris 341.27

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca da Unoesc de Joaçaba

**Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc**

Reitor  
Aristides Cimadon

Vice-reitores de Campi  
Campus de Chapecó  
Carlos Eduardo Carvalho  
Campus de São Miguel do Oeste  
Vitor Carlos D'Agostini  
Campus de Videira  
Ildo Fabris  
Campus de Xanxerê  
Genesio Téio

Pró-reitora Acadêmica  
Lindamir Secchi Gadler

Pró-reitor de Administração  
Ricardo Antonio De Marco

**Conselho Editorial**

Jovani Antônio Steffani  
Tiago de Matia  
Sandra Fachineto  
Aline Pertile Remor  
Lisandra Antunes de Oliveira  
Marilda Pasqual Schneider  
Claudio Luiz Orço  
Ieda Margarete Oro  
Silvio Santos Junior  
Carlos Luiz Strapazzon  
Wilson Antônio Steinmetz  
César Milton Baratto  
Marconi Januário  
Marceli Maccari  
Daniele Cristine Beuron

**A revisão linguística é de responsabilidade dos autores.**

---

## SUMÁRIO

<b>ENTRE SOLIDARIEDADE E MAIS-DE-GOZAR, UMA PANDEMIA!</b> .....	5
Matheus Felipe de Castro	
<b>SOFRIMENTO PSÍQUICO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL: PSICANÁLISE E PANDEMIA</b> .....	9
Oscar Reymundo	
<b>PSICANÁLISE E PANDEMIA</b> .....	19
Cíntia Busato	
<b>“CAIU UMA PANDEMIA NA MINHA CASA”: OS TEMPOS ENTRE AS PAIXÕES E O VÍRUS</b> .....	27
Adriana Rodrigues	
<b>FANTASIA: NEGACIONISMO E CRENÇA NO MITO</b> .....	35
Juliana Rego Silva	
<b>DA SOLIDÃO: ENTRE DESCONTINUIDADES, UMA CONTINUIDADE</b> .....	43
Fred Stapazzoli	
<b>O FÁLICO E O FEMININO NA SOCIEDADE DO CONTROLE</b> .....	49
Gresielia Nunes da Rosa	

---



## **ENTRE SOLIDARIEDADE E MAIS-DE-GOZAR, UMA PANDEMIA!**

***Matheus Felipe de Castro***

(Doutor em Direito pela UFSC, pós-doutor em Direito pela UNB, professor do Programa de Pós-Graduação em Direitos Fundamentais da UNOESC e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Direito e Acesso à Justiça da UFSC)

Já não é novidade, mas o ano de 2020 deixará marcas profundas em nossos corpos. Marcas que talvez poucas guerras ou crises financeiras tenham sido capazes de gerar com tamanha extensão e impacto. Seremos conhecidos como a geração que viu e sentiu os efeitos da Pandemia da COVID-19 e que caiu na perplexidade da possibilidade da abreviação do encontro inevitável com a única dimensão ferreamente determinada como destino trágico de todo ser vivente, a morte!

O encontro repentino com essa possibilidade, colocada para amplas massas populacionais em nível mundial, gerará impactos cujos efeitos ainda não temos recursos simbólicos para mensurar. A história e o tempo cumprirão seu papel aqui. Os intelectuais que saíram à frente na busca da produção de sentidos expuseram perigosamente os furos em seus saberes e se igualaram em ignorância a qualquer outro ser falante.

Por enquanto, no mundo do Direito, do Estado, da política e do poder, o que temos são lacunas, sinais, restos, sobras não especularizáveis como imagem de um mundo que se pretendia harmônico. Rastros que nos permitem sugerir que a Democracia foi colocada à prova de maneira perigosa e que um novo autoritarismo pode estar brotando embalado pelos braços de um mundo *high tech* onde a agressividade e o ódio encontram novos canais, acelerados à enésima potência, de propagação.

Nesse contexto, os direitos humanos e fundamentais foram colocados à prova, ainda que muitos ainda não tenham percebido e continuem os repetindo como se fossem entidades abstratas, meramente jurídicas. Qual

será o destino do laço social fundado, ainda que de forma precária, no imaginário da solidariedade? Qual será o destino desses canais simbólicos concebidos como modos de regulação dos gozos? Que laço social nascerá pós-pandemia quando Estados centralizadores parecem ter se mostrado mais eficientes em conter os efeitos da doença e Estados liberais parecem ter se mostrado eficientes em permitir seu alastramento?

Foi diante desse contexto de queda dos saberes que nós, juristas, acostumados com o discurso do mestre, resolvemos apelar à psicanálise. Na tentativa de encontrar sentido para o sem sentido da existência, de produzir mais um discurso com pretensões de saber organizador universal, fomos confrontados com o discurso do analista, que nos convida a olhar para o vazio, para os restos, para os dejetos que nos revelam o sem sentido no simbólico. Explico:

Desde o seminal *Além do princípio do prazer*, Freud desvendou o mistério da nossa “liberdade”, de nosso agir, paixões, condutas, decisões, revelando que o humano é movido por uma complexa ambivalência entre pulsões de vida e morte que ultrapassa todas as tentativas de explicação do humano pelas vias estreitas da razão instrumental, dos cálculos racionais, científicos ou econômicos: *o real é sem lei* (Lacan) e resiste a ser significantizado pela linguagem.

Essa ambivalência, fundadora de um *Ich Spaltung* (Eu clivado), nos conforma numa lógica muito diferente da estreita maximização de lucros/minimização de custos que a modernidade concebeu como modelo de uma pretensa escolha racional do humano. Uma verdadeira teoria da ação que, posteriormente, seria descrita por Lacan na fórmula sintética do gozo, um misto de satisfação e horror que empuxa de forma inexorável nosso agir e desafia nossa responsabilidade.

A pandemia provocada pelo coronavírus nos colocou diante de um dilema que vem sendo explorado intensamente nos meios políticos e financeiros: a economia não pode parar pena de arrastar milhões para

a pobreza e a fome. O argumento é verdadeiro e merece ser considerado com tranquilidade, para além de paixões e ideologias. Mas, por outro lado, a vida de milhões no mundo também está ameaçada pela continuidade desenfreada da acumulação do capital a qualquer preço, a qualquer custo!

Também aqui está colocada uma luta entre Eros e Tânatos, entre a vida e a morte muito semelhante à referida por Freud em *Além do princípio do prazer* e, dez anos depois, em seu *Mal-Estar na Cultura*, e que nos faz pensar sobre as contradições do sistema econômico construído pela humanidade nos últimos séculos e que poderia ser resumido nisso: maximizar lucros e minimizar custos é a melhor forma para garantir a vida no planeta em longo prazo?

Não tenho pretensão de dar respostas a nenhum desses dilemas, todos eles importantes e dignos de consideração. Mas quero destacar aquilo que percebo de forma latente em muitos dos discursos que estão circulando no entorno desse problema e que nos remete àquela síntese de satisfação e horror, o gozo, *muito além do princípio do prazer*, referida por Lacan.

Em novembro de 1968, Lacan procurava situar o objeto “a” não só como causa do desejo, mas também como objeto perdido na relação do gozo com a ordem do saber. Foi quando encontrou e citou uma curiosa afirmação de Marx, em *O Capital: O capitalista expõe seus argumentos para demonstrar ao trabalhador que o mercado é honesto: ele, o capitalista, fornece os meios de produção e o trabalhador fornece sua força de trabalho numa “relação de igualdade”; ao dizer isso, porém, o capitalista ri.*

Esse “sorriso de canto de boca”, que eclode de forma irresistível, Lacan identifica com aquilo que está silenciado no discurso racional, mas que vaza pelos poros do saber como manifestação inconsciente de gozo e que ele designaria “mais-de-gozar”, um resto de satisfação que sobra no rastro do discurso da racionalidade e que explica a dimensão demasiado humana dos slogans políticos e econômicos pretensamente racionais com que somos confrontados nos dias estranhos que se seguem. O mal-estar avança; o laço

social se esgarça; a anomia se instala e já a ninguém é dado o direito à posição cômoda de um esplêndido isolamento diante dos fatos.

Foi assim que, em meio à atual pandemia, realizamos dois encontros virtuais com a finalidade de debater os impactos subjetivos e jurídicos da crise: o primeiro em data de 17 de agosto de 2020, promovido pela FUNJAB-Fundação José Arthur Boiteux, em parceria com o Mestrado Profissional em Direito e Acesso à Justiça da UFSC, que contou com a participação dos nossos três primeiros autores: Oscar Reymundo, Cinthia Busato e Adriana Rodrigues. O segundo, em data de 10 de setembro de 2020, promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas “Proteção das Liberdades na Sociedade do Controle” e pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da UNOESC, que contou com a participação dos nossos três últimos autores: Juliana Rego Silva, Fred Stapazzoli e Gresiela Nunes da Rosa.

Os textos aqui reunidos sintetizam as apresentações dos nossos convidados com o intuito de debater o mal-estar dos tempos de isolamento social e seus impactos no sofrimento psíquico, nas liberdades, nos direitos humanos, enfim nas subjetividades de todos nós e se constitui numa importante iniciativa de interação entre dois importantes programas de pós-graduação em Direito do Estado de Santa Catarina, que entenderam a importância do debate conjunto, transdisciplinar e plural de ideias.

Boa leitura!

Florianópolis, 13 de outubro de 2020.

## **SOFRIMENTO PSÍQUICO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL: PSICANÁLISE E PANDEMIA**

***Oscar Reymundo***

(Analista praticante, membro da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção SUL, e membro da Associação Mundial de Psicanálise)

Muito obrigado, Matheus Felipe de Castro, por este convite para falarmos e refletirmos sobre um tema que, de diversos modos, requer, de cada um de nós, uma tomada de posição, uma vez que esta pandemia, desencadeada pela disseminação de um coronavírus, é um acontecimento inesperado sobre o qual não tínhamos um saber elaborado. Afortunadamente, há cientistas, profissionais da saúde, políticos e muitos outros sócios desta sociedade humana, dispostos a não negar a gravidade dessa disseminação, dispostos a querer saber de que se trata e dispostos a produzir um saber-fazer com este acontecimento inesperado que se nos impõe.

E já entrando no tema deste encontro, quero dizer que, em lugar de “Psicanálise e pandemia” eu prefiro falar em “O psicanalista e a pandemia”, uma vez que a Psicanálise não existe no Paraíso das ideias, mas ela é sustentada, a cada sessão analítica, pelos que a praticamos junto com aqueles que na psicanálise e no psicanalista confiam para tratar a própria dor de existir. Então, prefiro falar em “O psicanalista e a pandemia”, porque tem algo que, em quanto praticante da psicanálise, me desafia há muito tempo e que posso sintetizar da seguinte maneira: como incluir, no campo do social, cada psicanalista, o saber que como praticante da psicanálise extra da própria experiência? E, que saber podemos extrair das experiências no campo social que enriqueça a psicanálise? Estas não são questões que eu, pessoalmente, pretenda elaborar sozinho, posso contar com os colegas de uma Escola de Psicanálise para articular e extrair algum saber, saber que não se pretende definitivo e que será sempre uma produção em aberto que inclui outros. Lacan tinha uma frase contundente para marcar o compromisso

ético e político de cada psicanalista com o social: “Que renuncie quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (LACAN, 1998, p. 322). Poderíamos aplicar este princípio a muitas outras práticas profissionais.

Os psicanalistas aprendemos com Freud e com Lacan que a psicanálise e os analistas muito devemos à cultura do nosso tempo. Por exemplo, Freud, conseguiu formalizar um conceito fundamental da teoria, o conceito de Pulsão de morte, logo após a traumatizante experiência social e subjetiva que foi a Primeira Guerra Mundial, experiência que fez desabar as expectativas do programa do positivismo, e Lacan conseguiu formalizar o seu conceito de Discurso nos tempos nos quais os movimentos de libertação da opressão do império pipocavam, no fim dos anos 60 e início dos 70, pelos cinco continentes. Movimentos de libertação que na França deram origem ao conhecido maio de 68.

Voltemos, então, ao título e destaquemos a primeira parte: “Sofrimento psíquico em tempos de isolamento social”. Essa articulação entre os termos ‘sofrimento psíquico’ e ‘isolamento social’ me fez pensar que o ‘isolamento social’ significa algo muito diferente do que ficar em casa, evitar aglomerações, ou sair só para comprar comida e remédios. Alguém pode morar sozinho, respeitar a quarentena, e não por isso estar isolado socialmente. Digamos que não precisamos de uma quarentena para que o isolamento social se imponha para o sujeito, quer dizer, que não precisamos que o Outro esteja ausente para nos precipitarmos num estado de isolamento, porque o que caracteriza o isolamento é a exclusão do Outro. Não se trata da ausência do Outro, se trata da exclusão do Outro. Talvez, o exemplo mais patético do isolamento social sejam essas imagens da Cracolândia: um amontoado de gente, cada um, isolado com seu objeto tóxico. Quer dizer que seja lá qual for a satisfação que cada um experimenta com o uso do crack, essa satisfação não inclui o Outro, essa satisfação que se experimenta no corpo não passa pelo corpo do Outro enquanto parceiro ou parceira. Assim, isolar-se é evitar

a solidude, entendendo por solidude um tempo de privacidade com o próprio ser, um tempo de introspecção e privacidade que implica num tempo de separação do Outro que nada tem a ver com a exclusão do Outro, exclusão que é o próprio isolamento.

Nesse sentido, atrevo-me a dizer que quando o sujeito se isola, quando exclui o Outro, surge uma qualidade de sofrimento psíquico que, como num círculo vicioso, isola ainda mais o sujeito no seu inferno subjetivo.

O que eu tenho encontrado na minha clínica, nestes tempos de quarentena, não é, tão somente, o sofrimento do isolamento. Também tenho me deparado com o sofrimento subjetivo que se instala porque o sujeito não consegue separa-se, colocar alguma distância do Outro. Distanciar-se e separar-se que, repito, não é isolar-se nem é excluir o Outro. Uma paciente, de quem ninguém pode duvidar do amor que sente pelos seus filhos, aceitou retomar a análise via vídeo chamada, porque a convivência com os filhos começou a se tornar angustiante. Na psicanálise lacaniana aprendemos que a angústia é um afeto que tem a ver com algo que deveria faltar mas está excessivamente presente. O que significa isto? Significa que quem diz falta diz desejo, diz saudades, mais ainda, o amor se nutre da falta. O “Tu me faltas”, dos amantes, é um modo de dizer “Te desejo, te amo”. O que se passa depois, quando os amantes decidem morar juntos, esse é outro capítulo que tem a ver com a ética da convivência.

Voltando, então, ao exemplo desta mãe angustiada, constatamos que a presença e as demandas dos filhos, quase as 24 horas de cada dia, tem se tornado excessivas e que está lhe faltando sentir a falta dos pequenos, está faltando que os pequenos lhe façam falta, está faltando que ela sinta saudades deles, que ela queira saber como foi o dia de aulas na escola, se os filhos gostaram da nova professora, se se divertiram no aniversário do coleguinha. O problema dela, neste momento de quarentena, não é que ela quer isolar-se, ou que ela quer excluir os filhos da sua vida. Os filhos são seres importantíssimos na vida dela. Ela quer separa-se, tomar algo de distância

desses pequenos objetos de amor e de satisfação, que são os filhos. Ela quer sentir a falta deles. Numa sessão ela disse algo que me parece que sintetiza muito bem o que ela sente: “Tenho saudade de ter saudade dos meus filhos”.

Outro exemplo. Um jovem rapaz entra, já em tempos de quarentena, pela primeira vez, em contato comigo porque está assustado. Ele percebe que nestes meses de quarentena algo se impõe na sua vida que o empurra, aqui sim, para o isolamento. Mora com os pais e a cada dia que passa ele se dá conta de que podem passar dias sem ele sair do seu quarto. Já nos primeiros encontros ele disse algo que lhe assinala uma grande diferença na sua vida que, ele próprio percebe, não sabe o que é, e que o assusta. Ele fica o dia inteiro jogando no computador e até deixou de tocar violão e de comunicar-se com a namorada e com os amigos. Como ele próprio reconhece, “Isto não é normal”. Pois é, assim como o encontro com o vírus e a Covid foi algo inesperado que nos surpreendeu e ainda nos assusta, o encontro com essa satisfação muda, solitária, desvinculada do Outro, este rapaz também não a esperava, o surpreende e o assusta. Podemos pensar que ainda bem que ele se assustou e que decidiu pôr algumas palavras nisso que se lhe impõe em silêncio e o faz sofrer. Pôr algumas palavras que nunca serão todas as palavras porque isso é impossível para os seres falantes.

Com relação à segunda parte do título desta atividade, “O psicanalista e a pandemia”, orientando-me pela lógica psicanalítica, penso que vale a pena diferenciar a pandemia do vírus. Este vírus, como qualquer outro vírus, está regido por um real da natureza com o qual a ciência pode lidar e pode descobrir como esse real funciona, quais são suas leis e, a partir daí, pode produzir uma vacina. Mas esta disseminação global da Covid-19, isso é algo que não tem lei natural, algo que não se orienta por lei natural nenhuma. Na pandemia se trata de um real inerente aos seres que falamos que não é um real da natureza como no caso dos vírus. Os seres falantes estamos regidos por um real que por não responder a uma lei natural nos obriga –e vocês, estudantes e profissionais do Direito sabem muito bem– que esse real sem

lei nos obriga a inventar leis, quer dizer, a inventar ficções para tentar botar alguma ordem onde nada está ordenado por natureza. Botar alguma ordem para que a vida se torne vivível com outros, porque a convivência entre seres falantes não é algo que dependa da natureza dos instintos. Todos sabemos que essas leis que inventamos estão longe de ser 100% eficazes como para evitar que a ânsia de satisfação individual ilimitada, que nos habita, se manifeste. Assim, os seres falantes, na busca dessa satisfação individual, somos capazes de assassinar, de torturar, de explorar os semelhantes, de roubar, de escravizar, de violar, de humilhar, de corromper e, até, de destruir o próprio planeta.

Vejamos, então, que porque a disseminação global da doença não responde a nenhuma lei natural porque depende de vontades políticas dos que deveriam orientar medidas preventivas e depende das vontades de cada membro da comunidade, por isso os humanos não paramos de inventar normas, e protocolos, e quarentenas, e proibições, e autorizações, e aberturas do comércio e de restaurantes, e recuamos outra vez e mandamos fechar tudo, ou então estabelecemos horários reduzidos de funcionamento, e os comerciantes e os empresários pressionam para que abra tudo de novo, e ontem se podia ir à praia, mas houve aglomerações, então, hoje já não se pode, e liberam o funcionamento do transporte público e alguns dias depois deixa de funcionar porque os contágios aumentaram muitíssimo, e estão os que organizam festas privadas porque ninguém vai lhes proibir reunir-se com os amigos, e estão os que usam máscara até para tomar banho e os que nunca usarão porque não são veados... Enfim, não há lei natural que organize as relações entre seres falantes, com pandemia ou sem pandemia. É, precisamente, neste ponto, onde um psicanalista pode vir a incluir no social um saber extraído da experiência psicanalítica para colaborar com a luta contra esse real sem lei representado pela ausência de um instinto que organize as vontades de satisfação individual. Satisfações individuais que se não forem orientadas conforme programas políticos que sustentem a

Coisa Pública, a frágil democracia e a frágil existência humana como valores, pode produzir efeitos catastróficos para a vida.

Incluir qual saber extraído da prática psicanalítica? Para iniciar, vamos dizer que não é por falta de informação que alguém deixa de realizar e de repetir atos que lhe complicam a própria vida e a vida dos outros. Os seres falantes, pelo fato de sermos falantes, somos regidos por algo muito diferente dos instintos e por algo muito mais forte do que as boas intenções do eu, coisa que não é nenhum defeito. Também não é uma virtude. Simplesmente é desse jeito.

Ai, onde numa época remota, reinava o ciclo da vida instintual dos mamíferos de uma das espécies do planeta surgiu, por arte da imprevisível irrupção da linguagem humana, um impossível de controlar, de educar, de governar e de psicanalisar, segundo a experiência analítica nos ensina e a vida do dia a dia nos assinala. Quer dizer que cada um de nós, seres falantes, temos de nos arranjar com algo que não se pode controlar, nem educar, nem governar, nem psicanalisar, algo cujo sentido sempre escapa e que se não for devidamente orientado e tratado pode nos levar à própria destruição.

Como cantava Chico Buarque “O que será que será / que vive nas ideias desses amantes / que cantam os poetas mais delirantes / que juram os profetas embriagados / que está na romaria dos mutilados / que está na fantasia dos infelizes / que está no dia a dia das meretrizes...”

Esta não é a primeira pandemia com a qual a humanidade deve se virar. Contudo, é sim a primeira pandemia em tempos de globalização de mercados que, também, são tempos de promessas de felicidade sem limites, nos quais tudo seria possível e tudo está à disposição do bom consumidor. E quando digo felicidade sem limites estou falando de satisfação sem limites, quer dizer que se trata de um ilimitado que não admite interferências, nem regulação de qualquer exterior, por exemplo, a regulação da lei. Em outras palavras, nestes tempos pareceria que ceder satisfação individual em prol do laço social comunitário, está deixando de ter um valor civilizatório,

republicano e democrático. Algo se deteriorou feio na figura da autoridade que, supostamente, conhecia o caminho das pedras, deterioração que faz com que, hoje, já não se saiba diferenciar o que se pode do que não se pode para poder estar na vida com outros. E isto não é sem efeitos, uma vez que quando a própria ânsia de satisfação plena exclui toda interferência externa, então, o ódio, a exclusão, o ato violento, o racismo surgem, sem censuras, perante qualquer manifestação que possa implicar num limite ao próprio gozo. Jorge Alemán, um colega da Escola Lacaniana de Psicanálise de Madri fala, num vídeo que não consigo localizar, que estes são tempos de “Não-política”, entendendo a política como os arranjos possíveis a serem feitos para que algo da satisfação individual seja cedida em prol da vida em comum. Então, quando a “não-política” avança não é de se estranhar que angustiantes sentimentos de ameaça e de desamparo avancem na nossa cultura fazendo com que muitos sujeitos se lancem na busca substitutiva de líderes, de patriarcas, que, hoje, prometem o paraíso, não já na outra vida, mas nesta vida na terra.

E o que foi que aconteceu? O que é que surgiu na cultura que a função da velha autoridade disciplinadora se debilitou não só no discurso da cultura, quanto que também está funcionando deficitariamente na organização da subjetividade de cada um? Cabe esclarecer, neste ponto, que os psicanalistas da Orientação Lacaniana não alimentamos saudosismos pelo que já foi, mas também não nos deslumbramos com os cantos de sereia nos paraísos para poucos e escolhidos. Tem algo que os estudiosos da Política, da Economia, da Sociologia, do Direito, da Filosofia, chamam de ordem neoliberal do mundo.

Não vou me deter na caracterização desse momento do capitalismo, mas quero destacar que muito tem contribuído com a psicanálise os estudos das diversas áreas que, com diferentes perspectivas, muito nos ensinam sobre a subjetividade que esta nova ordem pretende impor na cultura e em cada ser falante. Para dizer em poucas palavras, trata-se de um ideal de

sujeito desvinculado de toda experiência do Comum que, focando-se no sucesso individual, investe em formações, predominantemente técnicas, desgarradas de toda história social e política, formações que prometem garantias de rápida criação e acumulação de lucro pessoal, sujeitos de imaginação pobre que em nome da Liberdade erguem como valor o direito a gozar rechaçando todo laço que possa problematizar ou limitar essa vontade de gozo, mecanismo este que constitui um sério obstáculo para responsabilizar-se pelos desarranjos próprios desse gozo sem exterioridade e que, por isso, estes sujeitos aparecem sempre dispostos a localizar no outro a causa do que não dá certo neles. Digamos, para sintetizar, que a subjetividade que vemos surgir nestes tempos leva o ser falante a identificar seu próprio ser com um “capital humano” e com um “espírito empresarial” que faz com que a própria existência seja tratada como uma empresa que deve aumentar permanentemente seu próprio valor no mercado. Assim, o novo imperativo que se impõe nos tempos de hoje é: “Seja o *manager* da sua própria existência”, “O CEO da sua vida”. Como vocês podem imaginar, com um imperativo desses não há lugar para experiências comunitárias que incluam posições solidárias e respeitadas das fragilidades próprias e as dos outros... menos ainda em momentos de emergência social que desencadeia urgências subjetivas que devem ser tratadas com toda delicadeza, tanto individual como coletivamente.

Para finalizar quero acrescentar que a articulação entre “O psicanalista e a pandemia”, pandemia enquanto fenômeno de disseminação de uma doença que depende da organização da comunidade, essa articulação merece ser abordada do ponto de vista da ética do discurso psicanalítico, isto é, uma ética que orienta um tipo de laço social na direção da queda das idealizações, quer dizer, uma ética que promova um tipo de laço social onde seja viável que com a participação dos analistas possa se cavar um vazio na trama já constituída de sentidos, de preconceitos, de supostos saberes muitas vezes congelados, que habitam o imaginário de todo ser falante e o

imaginário das instituições que somos capazes de criar. Digamos que de um analista, um sujeito, ou uma instituição podem fazer o uso que se faz de um pulmão artificial. E para o que serve um pulmão artificial? Serve para renovar o sentido viciado, as interpretações viciadas, as idealizações viciadas que nos asfixiam na repetição do mesmo.

### REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.



## PSICANÁLISE E PANDEMIA

**Cíntia Busato**

(Analista praticante, membro da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção SUL, e membro da Associação Mundial de Psicanálise)

Há alguns dias escutei de uma professora que um aluno de 11-12 anos teve uma reação muito feroz em sua aula *online* ao ser indagado sobre uma tarefa não realizada. Seus xingamentos a tomaram de surpresa e estranhamento, pois esse não era um comportamento usual nele, e só o que conseguiu pensar na hora foi em “mutar” este aluno, cortou o som de seu microfone, para poder continuar sua aula.

No final desta, mais uma surpresa, seu aluno “mutado” encontrou outra forma de vociferar, enviando um e-mail no mesmo tom. Neste e-mail a professora encontrou uma frase que lhe chamou a atenção: “Já não basta a pandemia e você ainda fica me fazendo perguntas que eu não sei responder!”. Ela, como muitos de nós, sabia bem o que era isto, esta angústia que vivemos estando imersos em tantas incertezas.

Isso a deixou um pouco mais localizada, tanto em relação a reação desmedida do seu aluno quanto em relação a sua própria angústia diante deste opaco que o vírus nos apresentou e nos obrigou a encarar de frente, sem conseguir entender o que vemos. O fato do vírus e da necropolítica de enfrentamento governamental elevou a enésima potência essa angústia.

Algo da ordem de um trauma nos convocou, do trauma como a psicanálise entende: um grande vazio, um silêncio do Outro frente a tantas perguntas que temos, ou, o que dá na mesma, uma proliferação de respostas apressadas que tentam desesperadamente arrumar esse caos que nos desorienta em nossa subjetividade. Muitos aderem ao mito para esconder essa divisão instalada por esse opaco.

Para o sentido comum o trauma é pensado como um acontecimento extraordinário que vale para todos, independente de sua organização subjetiva ou de sua condição sociológica. Freud aponta, em seu ensino, duas situações de onde parte para pensar o trauma, a primeira no começo de sua experiência com as histéricas e bem depois, durante a primeira guerra ao escutar os traumatizados por ela.

Na escuta das histéricas, Freud e Breuer (1996) ouve que todas haviam vivido uma sedução sexual na infância, então ele imaginou ser essa a origem traumática da histeria. Depois de um tempo, começou a achar estranha essa regularidade e percebeu que essas mulheres constroem uma realidade psíquica, subjetiva, para falar de suas experiências frente a algo que acontecia em seus corpos que de alguma maneira, elas sabiam, estava ligado a uma proibição de cunho sexual por uma lei social.

Daí Freud localiza o trauma e sua relação com a fantasia, essa que é uma interpretação do que não pode ser nomeado, simbolizado na cotidianidade da vida. Cada vez que se produz um enigma, normalmente vindo do obscuro do real do corpo, o sujeito fantasia “o outro me seduziu” ou “o outro me humilhou”, etc. para atribuir a essa cena que não tem autor, justamente um autor, com isso tentando dar conta do efeito de gozo no corpo. Efeito no corpo com demasiadas sensações, a fantasia cria uma ficção para organizar as coisas, atribuindo ao Outro um sentido para esse curto-circuito pulsional sentido no corpo.

A outra via que Freud (1996a) descobriu foi escutando os soldados que haviam sofrido traumas na primeira guerra. Ele percebeu que esses soldados ao invés de esquecer, recalcar o momento traumático, ou construir, como as histéricas, uma versão alienada da cena, que para Freud (1996b) confirmaria seu princípio do prazer, não deixavam de repetir essa cena. Ele então põe em questão o princípio do prazer como organizador único do funcionamento psíquico e do inconsciente, conceituando um mais além do princípio do prazer, que ele chamou de pulsão de morte.

Essas duas vias, a da fantasia e a da pulsão de morte, são as coordenadas que permitem escutar na clínica, e também socialmente, os eventos ditos traumáticos para cada sujeito. Não há vida humana sem trauma, o problema é definir as consequências deste.

O trauma escapa ao sentido, ele desorganiza o sentido que já tínhamos construído para nossa realidade e, então, ele é recoberto pelo sentido fantasmático. Os psiquiatras notaram que no pós trauma, principalmente nos traumas coletivos como um tsunami, e podemos pensar isso também na pandemia, em um momento o sujeito desconfia totalmente dos meios de elaboração simbólico que ele confiava antes.

Por exemplo, a previsão do tempo, o cálculo estatístico dos riscos, todos esses meios simbólicos o sujeito considera que não servem para nada. É um momento de grande vulnerabilidade e desamparo onde o sonho de risco zero tende a ser restaurado via construção fantasística, como por exemplo, na crença de um mito que desacredita da ciência. Essa reação elaborada pelos psiquiatras é esclarecida pela psicanálise.

Lacan situa o inconsciente sob o império de três dimensões, de três formas de organização do material psíquico: o Imaginário, o Simbólico e o Real. Um trauma é o que jamais podíamos ter imaginado acontecer conosco, mesmo que soubéssemos da existência e da possibilidade de um vírus mortífero, até essa pandemia achávamos que só acontecia em filmes catástrofe ou na literatura de ficção. Mesmo ouvindo dos cientistas essa possibilidade, a tratávamos como uma fantasia alarmista ou algo para acontecer não em nosso tempo, não em nosso território. E isso de alguma forma nos protege, imaginem ficarmos nos preparando anos para um evento desses sem termos ideia de quando acontecerá!

O trauma é o que não encontra nomenclatura possível nas possibilidades de tratamento imaginário e simbólico que temos. É uma ocorrência do real que irrompe sem cálculo exato possível, furando sempre o sentido discursivo que construímos entrelaçando Imaginário e Simbólico. Sabendo que Imaginário

e Simbólico são definidos pela nossa vida e pelos acontecimentos aleatórios dela, e também pelo discurso social, familiar, linguístico em que vivemos, o trauma inscreve uma descontinuidade no discurso em que estamos definidos.

Podemos todos estar dentro de um mesmo discurso, mas ele sempre é vivido singularmente. Um acontecimento, por isso mesmo, pode ser traumático para um sujeito e não para outro, inclusive da mesma família. Lembrei de um exemplo que aconteceu comigo aqui na clínica de psicologia da UFSC quando atendi minha primeira paciente esta moça, jovem, veio buscar o atendimento por algum sintoma que eu não lembro mais qual era.

O que lembro, ainda muito bem, foi o impacto que me causou a sua fala de que ela, a irmã e uma prima eram abusadas sexualmente pelo pai. As três dormiam juntas e toda noite uma delas era escolhida pelo pai, elas não comentavam nada entre elas. Isso foi trazido ao atendimento de forma casual, só mais um fato, o sofrimento dela estava em outra situação.

Muitas vezes vivemos situações graves e elas não se tornam traumáticas, é só um acontecimento grave e que, passado, nos permite continuar vivendo, as vezes modificados, com um “novo normal”, mas sem que precisemos forjar uma fantasia que nos retira do laço social ou nos faça repetir sem parar o pior. Mas as vezes, coisas pequenas podem se tornar insuportáveis. Isso implica que não há um processo idêntico para sair do trauma.

O terceiro elemento importante para Freud (1996c) é o fato temporal: um evento para ser traumático tem que despertar uma marca anterior que não foi notada, nem pelos que estavam em volta, nem pelo sujeito. Uma pura marca de gozo que não foi capturada pelo discurso. Implica um traumatismo totalmente inconsciente, sem o sujeito se dar conta, depois quando encontra um traço desse primeiro evento, é a conexão entre os dois eventos que faz o trauma ser vivido como tal.

Mesmo antes do vírus já estávamos vivendo um movimento do crescimento no mundo todo de discursos e ideologias fascistas. Bassols (2020) cita que, segundo Lacan, a história se escreve a partir de epidemias do mundo simbólico e da palavra, ele cita o império romano e o cristianismo e nos diz que a psicanálise também é uma epidemia. Podemos pensar o capitalismo também como uma epidemia discursiva e, talvez, essa seja a que melhor se propaga ao prometer um gozo satisfatório, que não implica nenhuma perda.

A psicanálise, ao contrário, nunca prometeu nem prometerá isso pois sabe que o que nos possibilita o laço social e a preservação do desejo é exatamente que temos que abrir mão, sempre, de nosso gozo autista, autoerótico, inclusive para estarmos na linguagem. O capitalismo, ao negar esse fato de estrutura, cria um discurso muito poderoso, pois ele se nutre da impossibilidade de sair do seu próprio discurso, da promessa desse gozo impossível de alcançar, e que projeta sempre no Outro essa impossibilidade.

Gustavo Dessal (2020), citado por Bassols na conferência *“Distanciamento social y acercamiento subjetivo”*, avalia que *“Da infecção é seguro que sairemos mais ou menos bem. Mas da pandemia discursiva que ela provoca não parece tão fácil de sair, dos efeitos políticos radicais que por ela são alimentados”*. Do discurso que estamos vendo articular o vírus com a pandemia do capitalismo imagino que será bem mais difícil sair, o reforço das políticas mais autoritárias de controle social, que já vinha acontecendo, foi ainda mais estimulado.

Nossos corpos são afetados pela linguagem, o confinamento também é exercido pelo poder das palavras e dos discursos. Na mencionada conferência, disponível no Youtube, o psicanalista Miquel Bassols (2020) alerta para o uso do significante distanciamento social, ele está aí para dizer da necessidade, real, de nos mantermos afastados fisicamente, não socialmente. Mas, não à toa, o significante com o qual somos bombardeados

por todos os lados é distanciamento social. Esse termo teve uma expansão pandêmica, em resposta ao contágio pelo coronavírus.

O termo distância social aparece entre comunidades linguísticas, entre classes sociais e seu acesso a bens sociais e econômicos, efetivando as segregações que sempre trazem distância social. Diz Bassols (2020): “Agora esse termo desliza do campo simbólico das relações intersubjetivas até o campo mais real e objetivo das relações entre os corpos, os organismos que podem se contagiar com o vírus em qualquer lugar e momento”. Como medir essa distância, que não sossega com o metro e meio da distância física?

Lembra Bassols (2020), que Freud já dizia que começamos cedendo às palavras, depois cedemos aos fatos. E avalia que é muito estranho chamar de distância social essa distância física, há nela uma ideologia de controle social em nome da segurança do não contágio. Assim essa distância social incute também uma paranoia em relação ao outro, esse que pode ser mortal. Ele propõe, para fazer oposição a esse termo e suas consequências, a expressão aproximação subjetiva, indicando a posição psicanalítica de escutar e sustentar a angústia de cada um frente a morte e seu irredutível desejo de viver. Ele nos alerta que o termo distanciamento social pode ser tão danoso para o registro simbólico quanto o próprio corona vírus é para o registro real.

Uma análise vai retirando véus de sentidos construídos na vida do sujeito pelas fantasias e, para além dessas, resta o que Freud chamava de restos sintomáticos, que tornam evidente a existência de um gozo incurável. Frente a esse gozo, Miller adverte aos psicanalistas que eles devem ser mais humildes, devem manter a possibilidade de se surpreender com as invenções que seus analisantes farão.

Aposto nessa humildade, nada ligada a religião, muito mais de acordo com descobrir, junto com Manuel de Barros (2018, p. 67), que todos nós temos “um ermo enorme dentro do olho”. E, como disse Marcus André Vieira (2020, p. 213), daí é “possível apostar numa certa abertura ao real que faça

passar o infinito da angústia ao entusiasmo do infinito, ou ainda ao feliz encontro de um gaio saber”.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. Manoel por Manoel. *In*: BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BASSOLS, Miquel. Distanciamiento social y acercamiento subjetivo. *In*: **Seminario del Campo Freudiano en Valencia**. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCLi9Bz-SswYSX1S\\_EpQf4vg](https://www.youtube.com/channel/UCLi9Bz-SswYSX1S_EpQf4vg). Acesso em: 10 ago. 2020.

DESSAL, Gustavo. Partir do confinamento. Observações sobre o inesperado. **Correio Express**. Escola Brasileira de Psicanálise. São Paulo, 24 abr. 2020. Disponível em: [https://www.ebp.org.br/correio\\_express/2020/04/24/a-partir-do-confinamento-observacoes-sobre-o-inesperado/](https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/04/24/a-partir-do-confinamento-observacoes-sobre-o-inesperado/). Acesso em: 08 out. 2020.

FREUD, Sigmund. Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918). *In*: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 17.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. 18, p. 17-75.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1895 [1950]). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. 1, p. 335-454.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. Estudos sobre a histeria (1893-1895). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 2.

VIEIRA, Marcus André. A inquietante estranheza do fenômeno à estrutura.

**Correio.** São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise. n. 83, abr. 2020, p. 199-213.

## **“CAIU UMA PANDEMIA NA MINHA CASA”: OS TEMPOS ENTRE AS PAIXÕES E O VÍRUS**

***Adriana Rodrigues***

(Analista praticante, Mestre e Doutora em psicologia e psicanálise pela UFSC, participante das atividades da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Sul e do Instituto Clínico de Psicanálise de Orientação Lacaniana de Santa Catarina)

Para começar essa conversa vou trazer um recorte de um momento com minha filha de quase três anos. Há alguns dias estávamos encenando o conto da Chapeuzinho Vermelho, e, sob direção dela, eu era a Chapeuzinho e ela a vovó. Ela vai me conduzindo na cena e dirigindo as perguntas que eu tenho que lhe fazer. E no decorrer da dramatização ela me diz: “pergunta pra vovó o que aconteceu?”. E então eu pergunto: “vovó o que aconteceu?”. E ela, ou melhor a vovó, responde: “Caiu uma pandemia na minha casa!”. E eu: “É mesmo?”. Ela: “Sim! Caiu uma pandemia na minha casa e agora eu não posso sair, por causa do coronavírus”.

Fiquei surpresa com a resposta. E entre achar engraçado e pensar nos impactos desse momento na vida de todos, inclusive na das crianças em tantos desdobramentos nesse momento tão especial e delicado de inserção na vida ou no laço social, me chamou atenção a palavra que ela escolheu para dizer sobre o que ressoa para ela da pandemia, o “caiu”. E de fato, a sensação parece ser mesmo esta, de que a pandemia do novo coronavírus caiu sobre nossas cabeças, quase como naqueles antigos desenhos animados, em que se tinha uma cena clássica, de uma bigorna ou um piano caindo na cabeça do personagem, que na sequência levantava todo torto, meio tonto e tentando com muito esforço reencontrar um norte para desenrolar sua história. Ao que parece agora estamos neste segundo momento, o tempo de levantar ainda torto e tonto e começar a compreender o que aconteceu, passados os quase seis meses desde o dia 11 de março de 2020, quando a OMS declarou a pandemia em curso.

A chegada rápida e avassaladora do *novo coronavírus* colocou a vida numa certa suspensão. Fomos atravessados pelos efeitos de uma pandemia sem precedentes nas duas gerações que nos antecederam, o que nos colocou na condição de uma reorganização das rotinas, que hoje acontecem numa relação um tanto deslocalizada com o tempo e espaço, e nos vemos, cada um a seu modo, buscando possibilidades de fazer frente a esse encontro com o traumático, apresentado nas cenas de horror que foram se materializando numa distância cada vez mais encurtada. China, Itália, Espanha, Estados Unidos, Argentina, Equador, Manaus, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Florianópolis... O real da morte se apresentou de maneira universal, democrática e para todos, num cenário radical e sufocante, que trouxe a marca de um “AP”, um Antes da Pandemia, alterando inevitavelmente o curso da vida. E talvez o mais angustiante seja mesmo o fato de que não se pode ainda dizer de um “DP”, Depois da Pandemia, se não como um futuro incerto. Não chegamos ainda no momento de concluir.

Jacques Lacan (1998a), em sua proposição sobre o tempo em psicanálise, apresenta uma lógica temporal que não é cronológica, tampouco linear, mas que se orienta por três momentos distintos, não necessariamente em sucessão contínua e permitindo alguma flexibilidade e permeabilidade entre eles: *trata-se do instante do olhar, o tempo para compreender e momento de concluir.*

Embora muitos cientistas tivessem a certeza de que seríamos acometidos por uma pandemia de gripe mais cedo ou mais tarde, no ritmo alucinado da vida contemporânea, para a maioria das pessoas isso não passava de ficção científica. Quando as primeiras notícias começavam a chegar da China ainda em dezembro, as fronteiras geográficas pareciam um limite seguro. Não era preciso olhar para isso. E assim o coronavírus chegou mais rapidamente do que nossa capacidade de elaboração.

Talvez alguns ainda conseguiram dar uma rápida olhada para cima antes da bigorna da pandemia cair sobre a sua cabeça, outros nem isso. E

não necessariamente porque as notícias, sobretudo vindas Ásia e Europa, não estivessem chegando em tempo, mas porque acionamos um mecanismo de defesa que é nosso antigo conhecido, e que foi descrito por Freud como o mecanismo de *negação*, como uma defesa contra o real da mortalidade.

Na esteira dessa empreitada de defesa vieram toda a sorte de excessos e imperativos disseminados pelas mídias, redes sociais, especialistas das mais variadas áreas se apressando em dizer o que era preciso fazer para conseguir se adaptar e sobreviver ao vírus e seus efeitos. Numa sociedade pautada pela cultura do *produtivismo* e *positividade*, nos primeiros dias de quarentena já se divulgava a ideia de que era preciso aproveitar esse lapso de tempo para fazer tudo o que nunca havia sido possível: cursos de atualização profissional, aprender um novo idioma, ler os livros acumulados na estante, organizar os armários, sem descuidar da rotina de exercícios, as *lives* com os amigos, as vídeo chamadas com a família, além do *home office* que traz desafios diferentes para cada um, mas que acaba se convertendo, em última análise, em mais trabalho. Até porque a vida mediada pelas telas exige mais esforço e atenção, na tentativa de dar conta da falta de materialidade da presença de corpo. E lá fomos nós, cada um a seu modo, cada um com seu sintoma. Tempo marcado pela pressa em produzir sentidos para recobrir um vazio de respostas. E o que se imaginava inicialmente que seriam 4, 5 semanas, transformaram-se em 5 meses e até agora, uma certeza, a de que temos ainda um longo período de convivência em meio ao vírus.

O início de um novo semestre e a continuidade da quarentena, o avanço vertiginoso da contaminação, o ir e vir regulado pelo número de leitos disponíveis na rede hospitalar, o que era distante agora está ao lado, os números passam a ganhar corpo, rosto e somos afetados pelas perdas duramente sentidas da vida de pessoas queridas.

As perdas menores também produzem efeito mortificante. A impossibilidade de circular entre pessoas e lugares onde se podia depositar algo de si, tangenciando a materialidade vivificante das trocas afetivas,

perdas que, mesmo entrando num automático das exigências da vida, tornam os dias mais difíceis, um momento em que o colorido da vida se mostra bem desbotado.

Passado o primeiro impacto da pandemia caindo sobre nossas cabeças, será este o momento de compreender?

Na via de um otimismo inconsistente poderíamos fazer coro com alguma entre as várias teorias que se colocaram com a deflagração da pandemia, concebendo-a apressadamente como um evento que iria mudar tudo! Para alguns seria o momento de derrocada do sistema capitalista, para outros a ideia de que sairíamos do processo mais elevados como indivíduos e comunidade e mais preparados para em vida em sociedade.

O filósofo sul coreano Byung-Chul Han (2020, p. 110), no livro *Sopa de Wuhan*, foi menos otimista em suas análises: “a revolução viral não vai acontecer. [...]. O vírus nos isola e nos individualiza. Não gera nenhum sentimento coletivo forte. De alguma forma, cada um se importa apenas com sua própria sobrevivência”. Bem sabemos que a realidade que nos cerca não nos oferece uma paisagem convidativa ao olhar. A negação como mecanismo de defesa continua operando. E, como disse o mesmo filósofo no referido artigo, “na era das notícias falsas surge uma apatia pela realidade”.

Miquel Bassols (2020), psicanalista espanhol, numa conferência intitulada “Distanciamiento social y acercamiento” subjetivo, afirma que o sujeito contemporâneo funciona a partir da negação e da banalização, gerando certa inércia e o silêncio. Segundo o autor,

[...] estamos assumindo uma servidão aos significantes mestres [ou as palavras de ordem] da época que vão acabar por nos calar a boca, mas não como as máscaras que estamos utilizando, e sim com uma perda de sentido radical das palavras, estas que poderíamos utilizar como recurso para nos desembaraçar da negação sistemática em relação ao discurso pandêmico (BASSOLS, 2020).

Mas, mesmo compartilhando de muitos traços desse fenômeno global, o Brasil tem suas particularidades no cenário da pandemia. Já vínhamos de um processo de muito desgaste e sofrimento psíquico provocado também pelas difíceis relações que se estabeleceram no campo da política, inundando a vida de cada um dos brasileiros. E as paixões já acirradas em torno deste campo, ganharam outros contornos com a chegada da pandemia, e ela perdeu rapidamente espaço no discurso da ciência submergindo no terreno das paixões.

Ao falar sobre as paixões do ser, para além do amor e do ódio já trabalhados por Freud<sup>1</sup>, Lacan acrescenta uma terceira paixão: a da ignorância. É enfático ao afirmar que ignorância não é desconhecimento. Citando Lacan: “Se o sujeito pode desconhecer alguma coisa, é preciso que saiba em torno de que operou essa função. É preciso que haja atrás do seu desconhecimento um certo conhecimento do que há a desconhecer” (LACAN, 2009, p. 221). O desconhecimento, portanto, implica admitir que existe uma falta, que é preciso buscar algum saber sobre esta operação, saber sobre o que se operou internamente no processo de elaboração de suas escolhas.

Estas paixões do ser operam de forma articulada, de modo que uma não é sem a outra. O que sustenta o ódio, sobretudo, é a ignorância. É o não querer saber nada sobre o objeto, nada que esteja no campo do outro. O ódio e a ignorância explicitam o horror que pode congelar a cena. O discurso da ignorância não admite a falta e, portanto, é refratário aos argumentos, aos paradoxos, a diversidade de ideias e opiniões e de modos de gozo. É um discurso hermético que não propicia a ampliação do laço social. Ao

<sup>1</sup> Sobre o amor e o ódio, podemos pensar com Freud que no circuito pulsional o ódio é tão estruturante quanto o amor, porém mais antigo. É o que ele afirma em 1915, ao demonstrar que o ódio se constitui já nas primeiras experiências de prazer-desprazer, momento em que ocorre uma “rejeição primordial” de um “resto estranho”, um excesso na experiência de desprazer: “Ele [o sujeito] segregou uma parte do próprio Eu, que lança ao mundo externo e percebe como inimiga” (FREUD, 2010, p. 75). Nas experiências que se seguem, o ódio irrompe quando algo desse resto é identificado no campo do Outro, assumindo a forma da estranheza, do excesso, da ameaça. Jacques Alain Miller (2010), no Seminário Extimidad, afirma que nas manifestações de ódio o que se coloca em jogo é o repúdio ao modo peculiar com que o outro goza.

contrário, tudo que consiga sobreviver nessa arena, vira fala vazia. O que vai se produzindo como resto é um esvaziamento do desejo de falar sobre isso novamente e mais uma vez e de novo, num empuxo ao silêncio, ou a uma certa indiferença, num esgotamento com o “mais do mesmo”, uma apatia, ou uma perda radical do sentido das palavras como advertiu Bassols.

Inclusive, alguns meses antes da pandemia, Miquel Bassols, em outro texto, já trazia um alerta acerca da indiferença dos europeus em relação ao problema da ascensão da extrema direita e aos impactos decorrentes da imigração. Ele dizia que era necessário ter cuidado com a indiferença, localizando-a no terreno da ignorância, do não querer saber nada sobre isso e do risco dessa posição nos conduzir a um mundo ainda pior (BASSOLS, 2019).

Nesse complexo cenário, temos de um lado o discurso da política institucional que convoca respostas a partir da negação do discurso da ciência, e do outro o discurso capitalista que convoca o sujeito a responder pela via dos excessos de produtividade e positividade, já que não existe tempo livre na lógica do mercado, o capital se alimenta do nosso bem mais precioso, o tempo. Diante destas demandas, somadas às nossas próprias resistências, parece ocorrer um curto-circuito entre o instante de ver e o tempo de compreender. Porém com Lacan aprendemos que “por nossa posição de sujeito somos sempre responsáveis” (LACAN, 1998b). Embora não seja simples e nem desejável que se olhe para o real da mortalidade o tempo todo, também é preciso que algo disso nos toque e conduza a um querer saber sobre nossa condição de sujeitos nesta época que nos coube viver.

Ainda não estamos no momento de concluir. Não se trata de apontar saídas. Nós não as temos. Precisamos construí-las. Mas nesta cena universal da pandemia a entrada é um por um, cada um a seu modo, cada um com seu sintoma. E o que vemos na prática clínica é que pela via da palavra cada um vai encontrando seu modo de fazer com esse novo lugar

e vai também construindo uma forma de saída pela via da promoção de um laço social vivificante.

Mas, para tanto, é preciso respirar para além do terreno das paixões, é preciso se “desintoxicar” para usar um termo trazido pelo psicanalista francês Éric Laurent numa entrevista onde ele diz: “A psicanálise permite se desintoxicar [...] a escuta particularizada permite ouvir novamente os significantes sozinhos que atravessam o éter do barulho-internet” (LAURENT, 2019) – ao que poderíamos acrescentar, do *barulho-pandemia*. A aposta é de que pela via da palavra e do que dela ressoa, seja possível se desintoxicar para encontrar um modo próprio de fazer frente ao que de real, angustiante ou traumático, agora nos atravessa com essa pandemia que caiu sobre nossas cabeças.

## REFERÊNCIAS

BASSOLS, Miquel. **Contra una Europa indiferente**. Fevereiro/2019. Disponível em: <http://miquelbassols.blogspot.com/2019/01/contra-una-europa-indiferente.html>. Acesso em: 25 ago. 2020.

BASSOLS, Miquel. Distanciamiento social y acercamiento subjetivo. **Conferência proferida no Seminário do Campo Freudiano**, de Valência-ES, em 20 maio 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MCs3DYTYj-jY>. Acesso em: 28 ago. 2020.

FREUD, Sigmund. Os instintos e seus destinos. In: **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HAN, Byung-Chul. La emergencia viral y el mundo de mañana. In: AGAMBEN, Giorgio et al. **Sopa de Wuhan**. La Plata: ASPO, 2020. Disponível em: [http://tiempodecrisis.org/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf?fbclid=IwAR386959-\\_q7FG9ZCeGsEFSxGBOerZNNMf3s1hmLn8nYjcieT-4QA-yyx6zE](http://tiempodecrisis.org/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf?fbclid=IwAR386959-_q7FG9ZCeGsEFSxGBOerZNNMf3s1hmLn8nYjcieT-4QA-yyx6zE). Acesso em: 2 set. 2020.

LACAN, Jacques. O tempo lógico e asserção da certeza antecipada (1945). *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade (1966). *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

LACAN, Jacques. **O seminário**: livro 1 (1953-54). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LAURENT, Eric. Gozar da internet (entrevista/2019). *In: Derivas analíticas*: revista digital de psicanálise e cultura da Escola Brasileira de Psicanálise-MG, n. 12, ago/2020. Disponível em: <http://www.revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/gozar-internet>. Acesso em: 26 ago. 2020.

MILLER, Jacques-Alain. **Extimidad**. Buenos Aires: Paidós, 2010.

## **FANTASIA: NEGACIONISMO E CRENÇA NO MITO**

***Juliana Rego Silva***

(Psicanalista praticante com formação pela Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Sul.  
Coordenadora do Núcleo de pesquisa em Psicanálise e Cultura no Instituto Clínico de  
Psicanálise de Orientação Lacaniana de SC. Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós  
Graduação em Psicologia da UFSC)

### **1 MAL ESTAR E ISOLAMENTO SOCIAL**

Quando em “O mal-estar na cultura (1930)”, Freud (1996b) discorre sobre a possibilidade de construir alguns métodos para evitar o desprazer, ele aponta o deliberado isolamento, o afastamento dos demais, como a salvaguarda mais disponível contra o sofrimento que pode resultar das relações humanas. Talvez esta seja uma forma um tanto controversa de iniciar o debate proposto.

A questão que coloco para ser pensada é, primeiro, de que não podemos falar em isolamento social, mas de uma certa tentativa – ainda em curso – de um suposto distanciamento social não tomado como pacto, ou política de estado, mas visto culturalmente quase como uma saída singular. Estamos imersos no social, porém de maneira reinventada.

O ponto é: há uma cultura do sofrimento em curso atrelada aos mecanismos gestores da vida – que funcionam hoje mais como operadores da morte. Ainda que tenhamos iniciado um certo movimento em proteção à vida, este, foi totalmente na contramão do que era esperado cientificamente.

Aliás, quais pactos estão hoje operando como verdade e com tamanha vivacidade mortífera? No âmbito das políticas dos corpos e das subjetividades o que vem se afirmando pela via da negação? De que mal estar estamos falando nos tempos atuais?

Para além da psicanálise, que se sustenta a partir da diferenciação político-clínica entre ética e moralidade (LACAN, 1991), aproximando-nos das questões relativas ao desejo e ao sujeito do inconsciente, como cidadã,

é importante localizar esta fala como quem estrutura a construção de conhecimentos e sua conduta profissional baseando-se em dois princípios fundamentais: o princípio soberano da Laicidade e o de proteção e defesa dos Direitos Humanos. Considero esta a implicação cotidiana necessária para intervir frente aos desafios que atravessam nossas práticas.

O saber psicanalítico, desde seus primórdios, nos presenteou com uma grande ferida: apesar de todas as técnicas, de todas as ilusões construídas, de todos os métodos e pressupostos que os indivíduos e as sociedades inventam para tornar a renúncia pulsional suportável, há ainda um resto que perturba a harmonia, tornando o mal-estar incontornável.

Esta é a tese central do “O mal estar na cultura (1930)” e que Freud (1996b) já nos indicaria no texto “O futuro de uma ilusão (1927)”, oferecendo-nos ali uma abordagem aprofundada sobre o estatuto do desamparo e do anseio pelo pai, assim como sobre o que significa a satisfação do desejo, além, é claro, de uma delimitação precisa de conceitos fundamentais como ilusão, erro e verdade.

Há algumas semanas o Jornal Nexo publicou uma matéria chamada “quando o otimismo na pandemia é negação e conformismo” (ROCHA, 2020). A notícia tratava de uma pesquisa recente publicada pelo Datafolha mostrando um aumento no nível de otimismo entre os brasileiros com relação à pandemia do novo coronavírus. Segundo a matéria, cerca de 46% dos entrevistados afirmou que a situação da doença está melhorando no Brasil, em comparação aos 43% que responderam sugerindo a piora da mesma.

Vale ressaltar que a pesquisa foi realizada poucos dias depois do país ter superado a marca dos 100 mil mortos pela covid-19. A maior curiosidade se deve ao fato de que em junho deste ano, quando a mesma pergunta foi feita pelo datafolha, logo após a marca dos 50 mil mortos ser atingida, o pessimismo se destacou: naquele momento, 65% escolheu a opção “está piorando” contra os 28% que apostaram em uma melhora. Segundo a

pesquisa mais recente, o otimismo é maior entre homens e apoiadores do presidente Jair Bolsonaro.

Em seu texto “Delicadeza” Judith Miller (2020) indica que “se não compete à psicanálise alimentar nem a nostalgia dos ideais antigos nem a queixa sobre a dureza do mundo tal como é, lhe compete colocar seus relógios em tempo”. Se ousarmos acertar os ponteiros do Brasil hoje experimentaremos um flerte medieval.

Este não é um mero adjetivo, mas a constatação de semelhanças paradigmáticas pensadas em alguns estudos de historiadores no que diz respeito às movimentações políticas recentes no país. Uma pesquisa de 2019 de Rudnitzki e Oliveira analisou o movimento das últimas eleições recolhendo significantes que exprimiam diretamente o desejo de eleitores de extrema direita por uma “nova cruzada”.

Diz a pesquisa:

[...] sabemos que as Cruzadas são especialmente exaltadas porque são um momento no qual esses três elementos [patriarcado, cristianismo e branquitude] estão muito bem representados. Nessa visão das Cruzadas, você teria um movimento bélico liderado por um grupo visto como majoritariamente masculino (e aí, todas as características de masculinidade, de virilidade, de força); um elemento que envolve a questão religiosa e, além disso, a ideia de uma disputa plurissecular entre Ocidente e Oriente (RUDNITZKI; OLIVEIRA, 2019).

“Recuperar as Cruzadas é desenvolver uma narrativa sobre como esses três elementos” (o patriarcado, o cristianismo e a branquitude) “desempenharam papel fundamental durante a Idade Média”. Qualquer semelhança dessa análise não é mera coincidência. “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” tem funcionado quase como um *slogan* nos últimos anos da política brasileira.

## 2 CULTURA E/OU CIVILIZAÇÃO? TODA ESCOLHA É UM POSICIONAMENTO

A apresentação escrita por Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares ao recente volume das obras incompletas de Sigmund Freud, “Cultura, Sociedade, Religião – O mal-estar na cultura e outros escritos” (FREUD, 1996b) traz um debate que considero de extrema relevância para o momento. Os autores desmistificam certo tensionamento no campo da tradução ou aquilo que seria uma suposta distinção semântica no que se refere a opção de Freud por sua preferência ao termo cultura em relação à civilização.

Eles sustentam a tese de que esta recusa freudiana em distinguir civilização e cultura remete à questões definitivamente políticas. Segundo os autores, “recusar a dicotomia cultura/civilização é recusar o *pathos* nacionalista germânico que serviria de combustível ao conflito de 1914 e que seguiria novamente mobilizado na espiral de violência da época.”

Isto é confirmado pelo próprio Freud (1996a) no já citado “O futuro de uma Ilusão”, no momento em que, ao descrever o sentido de ilusão por oposição a erro, Freud diz: “podemos indicar como ilusão a afirmação de certos nacionalistas de que os indo-germânicos seriam a única raça humana apta à cultura.” Ou seja, o que Freud recusa quando recusa a oposição de cultura e civilização é, precisamente, a recusa da ilusão nacionalista de que apenas indo-germânicos seriam povos de cultura.

É preciosa a lembrança de que este debate ocorreu durante a primeira guerra mundial, na esteira das “disputas narrativas com objetivos bélicos, em que civilização (em um sentido cada vez mais supranacional) era associada a valores patrocinados pela França e pela Inglaterra, e ‘cultura’ (como expressão do espírito nacional) seria associada aos povos germânicos.”

Do ponto de vista histórico, Freud coloca-se como crítico da guerra, sem, contudo, preconizar um pacifismo ingênuo. O que Freud gentilmente nos ensina é que *pathos* ligado a valores de uma “cultura sem civilização”

pode reacender nossos piores fantasmas. Quando recusa a distinção entre os termos, Freud defende, uma “cultura civilizada”<sup>1</sup>, digamos assim.

Importante lembrar: tanto em prol da cultura quanto da civilização já souberam justificar inúmeras violências e massacres sob nomeações belas e os mais nobres ideais.

### 3 DAQUILO QUE SE CRÊ

Considero de extrema relevância trazer o texto de 1925, “A negação”, para este debate, já que ali Freud alega que negar algo do juízo no fundo significa dizer:

[...] isto é uma coisa que eu preferia reprimir. Como o próprio autor coloca, a negação está expressa na linguagem das mais antigas moções pulsionais orais: isto eu quero comer ou quero cuspir – e numa transposição mais à frente: isto eu quero introduzir em mim e isto eu quero excluir de mim; portanto: isto deve ficar dentro ou fora de mim. E continua: o mal, aquilo que é estranho ao ego e que se encontra fora, é inicialmente idêntico a ele (FREUD, 2014).

Ou seja, neste texto Freud lança mão não só da prerrogativa de que negar é também uma forma de dizer, como também reitera a relevância da realidade psíquica, à medida que, como consta no texto: “originariamente a existência da representação já uma é garantia de realidade do representado” (FREUD, 2014).

Sabemos que a fantasia é uma construção imaginária que se dá pela experiência vivida do sujeito, a partir das suas questões inconscientes, e que o permite se posicionar em relação ao Outro. A noção de “realidade psíquica” trouxe a novidade de conjugar os dois termos “real” e “psíquico” em uma mesma expressão. Isto é, para encontrar algo do subjetivo, Freud o objetiva;

---

<sup>1</sup> Este debate, como indicado no texto, pode ser encontrado em Freud (2020).

sem abrir mão da referência à realidade material, afirma que também os fenômenos psíquicos possuem uma espécie de realidade.

A partir daqui vemos que para Freud a fantasia é uma realidade tão concreta quanto a realidade prática, mas com algumas diferenças qualitativas. É na parte final do célebre texto “A Interpretação dos sonhos” que Freud introduz esta noção de realidade psíquica: se olharmos para os desejos inconscientes, reduzidos a sua expressão mais fundamental e verdadeira, teremos de concluir, sem dúvida, que a realidade psíquica é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade material (FREUD, 2001).

Gostaria de trazer uma citação de Lacan, extraída do texto “o mito individual do neurótico”, que nos diz: existe no seio da experiência analítica algo que é propriamente falando um mito, e que o mito é o que confere uma fórmula discursiva a alguma coisa que não pode ser transmitida na definição da verdade, pois a definição da verdade não pode apoiar-se senão sobre si mesma, e que é na medida em que a fala progride que ela a constitui. A fala não pode apreender-se a si mesma nem apreender o movimento de acesso à verdade como uma verdade objetiva. Ela pode exprimi-la – e isto de uma maneira mítica (LACAN, 2008).

O Mito é uma ficção coletiva que exprime a origem de uma determinada ideia, processo ou prática e que no fundo a gente reputa como uma espécie de falso. Por exemplo, o que dizer de um sujeito, suposto chefe de estado, que se autodenomina mito como se falasse de um lugar da verdade a partir de uma noção, por definição, falsa? O que ouvimos?

A promessa, acompanhada da comoção fervorosa nacional, de que uma grande virada, uma abençoada e inédita forma de se fazer política poderia acontecer e de que todo o mal contaminado neste país poderia ser radicalmente exterminado pela remoção das pessoas diabolicamente malvadas que o governavam. O que sabemos? Esta narrativa – simples

e persuasiva – se mostrou pela realidade em que vivemos como falsa, apresentando-se como sempre se apresentou: um mito.

## REFERÊNCIAS

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, S. **A Interpretação de Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, S. **A negação**. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

FREUD, S. **Cultura, sociedade e religião**: O mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 7: A Ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

LACAN, J. **O mito individual do neurótico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MILLER, Judith. **Delicadeza**. Disponível em: <https://wapol.org/pt/articulos/>. Acesso em: 12 set. 2020.

ROCHA, Camilo. Quando o otimismo na pandemia é negação e conformismo. **Nexo Jornal**. 20 ago. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2020/08/20/Quando-o-otimismo-na-pandemia-%C3%A9-nega%C3%A7%C3%A3o-e-conformismo>. Acesso em: 10 set. 2020.

RUDNITZKI, Ethel; OLIVEIRA, Rafael. **Historiador Paulo Pachá explica conceitos ligados às Cruzadas da Idade Média que contagiaram bolsonaristas**. 30 abr. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita/>. Acesso em: 12 set. 2020.



## **DA SOLIDÃO: ENTRE DESCONTINUIDADES, UMA CONTINUIDADE**

***Fred Stapazzoli***

(Mestre em Filosofia pela PUC-PR, professor do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, analista praticante, participante das atividades da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Sul e do Instituto Clínico de Psicanálise de Orientação Lacaniana de Santa Catarina)

Caro Matheus, boa noite! E estendo os meus cumprimentos a todos os pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Direito da Unoesc, a todos que direta ou indiretamente tornaram esse encontro possível. É uma alegria também reencontrar as colegas com quem trabalho, Juliana Silva e Gresiela Nunes, tanto em nossa Escola quanto em nosso Instituto de Psicanálise. Gostaria desde já de agradecer o convite que me foi endereçado e colocar que, sobretudo, vou dividir algumas questões que vêm me ocorrendo ao longo desse contexto pandêmico. Acho importante sublinhar que muito aquém – isso mesmo, aquém – de respostas, dividirei questões que talvez depois podemos conversar um pouco.

Confesso que fiquei bastante em dúvida quanto ao rumo tomar em relação à direção a ser dada a essa minha intervenção. Os temas que nos couberam, a Juliana, a Gresiela e a mim, fantasia, desejo e gozo, correspondem, no grafo, que é o do desejo, a elementos que compõem o seu piso superior, o lugar da enunciação, da pulsão, do inconsciente, enfim. Talvez isso fosse servir de um certo arremate – não sei – mas darei um passo atrás.

Como também, de algum modo, fiquei bastante comovido pelo fato de falar a pesquisadores do campo jurídico, um campo do qual parti e identifico aí o lugar de um nascimento, como diria Adriano de Marguerite Yourcenar, em relação aos livros, em suas memórias, e me fez chegar até aqui, uma questão se impôs a mim: como articular desejo, reconhecimento e tecnologias da informação a partir da psicanálise e, ao mesmo tempo, tocar em algo que

conversasse com o mote de investigação de vocês, Proteção das Liberdades na Sociedade do Controle, em um Programa de Pós-graduação dedicado ao estudo dos direitos fundamentais, dedicado ao estudo dos direitos humanos. Tarefa nada fácil. Foi nesse sentido que disse ter dado um passo atrás e pinçar o isolamento social que escancarou o mal-estar desde sempre aí. Poderia dizer, por que não, a solidão que escancarou o mal-estar desde sempre aí.

Isso não é tão novo assim, tanto da perspectiva do Direito como da Psicanálise. Por certo que a contingência do vírus que se alastra desmesuradamente implica na mobilização de um saber do qual ainda não dispomos, e isso tem repercussões subjetivas diretamente daí advindas, claro; entretanto, diante do escancaramento do real da morte em algumas ocasiões, como a nossa, como uma carta na manga, algum dia se dispôs de algum saber frente a esse encontro? Novamente, com as idiossincrasias da época, ao mesmo tempo nada tão novo assim. Vou falar um pouco da solidão, talvez a história de uma continuidade ante descontinuidades.

Não nos é novidade, a nós, cidadãos que advogamos em áreas distintas, do Direito e da Psicanálise, que o obscuro do nosso tempo diga “respeito à realidade ‘político-sanitária’ que atravessamos. Do lado político, a ameaça à democracia e, do lado sanitário, a pandemia – ambas com suas vicissitudes e, mais ainda, enlaçadas intimamente, vêm dar um tom mais dramático, especialmente no nosso país.” (CUNHA, 2020). Faço minhas as palavras de Luis Fernando Carrijo da Cunha, um psicanalista de nossa Escola em uma intervenção proferida há pouco.

A despeito de qualquer pacto social, de qualquer benefício ou direito social pecuniário, da garantia constitucional a direitos fundamentais, mais que nunca, diante da crise “político-sanitária”, são as majorias, não as minorias, que ainda são submetidas à rua para a garantia do almoço ou do jantar, para a garantia da subsistência. Encarou-se, mais que nunca, talvez, esse cenário de puro desamparo, de pura solidão, como se, sob o

vêu da surpresa, essa continuidade de nossa história estivesse protegida: a descoberta das consequências nefastas da desigualdade social.

Não foi isso, nada tão novo, que de certa forma impulsionou a história? As coisas colocadas nestes termos, refiro-me à subsistência das maiorias minorizadas, da perspectiva jurídica talvez não possamos falar de liberdade. Isso é um dado conhecido desde a Antiguidade Clássica. O cidadão não poderá ultrapassar do *oikos* à *pólis*, da *zoé* a *bíos*, como diria Agamben, sem ter garantido o mínimo para sua existência biológica, pois é na *pólis* que uma vida dita humana, e humana porque há linguagem, que a ética, a política, a estética, o erotismo são possíveis.

O que gostaria de sublinhar aqui são as continuidades. A despeito da irrupção do vírus e de todas as consequências subjetivas que daí advieram, não desatreladas das condições mínimas, das garantias de direitos fundamentais do cidadão, uma descontinuidade, há continuidades. Espalhou-se pelos jornais a notícia de que agentes do Estado desferiram tiros à queima roupa, praticaram sufocamentos, a despeito de todo apelo, do grito.

Uma experiência dilacerante e de puro desamparo, que o sujeito de direitos submetido a esse tratamento vê sua humanidade colocada abaixo da réis do chão, literalmente. E dilacerante é também para quem presencia, para quem assiste. Mas não nos esqueçamos, o tratamento aviltante dispensado a alguns cidadãos por agentes do Estado não comprova a irrupção isolada da pulsão de morte ao longo de nossa história.

Em um depoimento à Comissão Nacional da Verdade, um cidadão, um militante, não um terrorista, como querem alguns, disse o seguinte: “quando você está gritando, você não ouve gritos de ninguém. É a sua voz. É o seu grito que sai. Mas havia alguns intervalos enquanto eles me faziam perguntas. Aí, eu ouvia os gritos de um companheiro. Ele morreu na solitária. Nós militamos juntos [...]. A voz é diferente do grito. Mas, na ocasião, estávamos só nós dois. Não tinham outros sendo torturados.” (BRASIL, 2014).

É provável que eu incorra em erro caso me aventure a dizer uma palavra sequer a respeito dos tipos legais em jogo. Mas a questão que se coloca é pensar, talvez, qual o manto da surpresa cobre um lapso temporal tão curto entre o que se passava nos porões do DOI em 1972, como no depoimento, e as cenas que acabamos de assistir em nosso 2020 dito atípico. Qual atípico há aí?

É interessante a diferença apontada no depoimento acerca da voz e do grito. Quando é a sua voz que sai, como disse o depoente, se poderia ouvir os gritos do companheiro na sala de torturas ao lado; quando é você quem grita, nada se escuta, não há voz que se faça escutar, que se sobreponha ao seu próprio grito. A experiência da solidão deve ser a da mais atroz.

Zaffaroni (2013) não nos deixa a sós quando tentamos falar dessas continuidades. Em sua *Questão Criminal*, procede a uma genealogia da eugenia que atingiu seu ápice em Auschwitz, entretanto, tal experiência totalitária do século passado se valeu daquilo que não inventou, mas copiou. São palavras de Zaffaroni. A eugenia que foi praticada nos Estados Unidos até extremos inadmissíveis assim o foi muitos anos antes do que na Alemanha. Um museu de grandes novidades? A repetição do mesmo? No mesmo lugar?

Esse talvez seja um tratamento jurídico dado à questão que tento levantar, que de ponta a ponta, entre continuidades e descontinuidades coloca às claras isso: está-se só. Mas caberia a nós talvez pensarmos – quem sabe, num possível oásis, como diria Hannah Arendt –, que é possível um tratamento às repercussões da solidão, do mal-estar, nem tão novo assim, a despeito de qualquer vírus, pois a realidade da qual trata a Psicanálise não se confunde com a que viemos falando até o momento, embora sem esta, aquela não seja possível e recolha, ainda, consequências.

É interessante o que Marie-Helene Brousse (2019) diz a respeito da solidão, referindo-se a uma solidão de ontem e a uma solidão de hoje. A de ontem, não parou; uma não substituiu a outra. Chega, a psicanalista, a falar

em soma de solidões. Por um lado, então, entre ontem e hoje, para falar nos termos até agora utilizados, uma descontinuidade diante da continuidade. Por outro, ainda na companhia da psicanalista, podemos dizer que ao ser falante a solidão é impossível.

Fala-se sozinho, por certo, mas não sem o Outro da linguagem, sem o qual não poderíamos nos referir ao ser falante, à maneira como se deixa afetar pela linguagem. E se nessa perspectiva não há solidão, uma ilusão, conforme suas reflexões, o que não impede de se falar sozinho, uma solução clínica possível: passar do *sozinho*, ao *sozinho com*. E se *sozinho com*, é importante perguntar-se com quem ou com o quê (BROUSSE, 2019). Um tratamento possível a despeito de qualquer pandemia. Mas não nos enganemos, um tratamento possível a despeito de qualquer pandemia, mas desde que a fala seja possível. A violência é muda!

Obrigado!

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório**. [Recurso eletrônico]. v. 1. Brasília: CNV, 2014.

BROUSSE, M.-H. **Sem título**. Entrevista realizada em abril de 2019 para as IX Jornadas da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção São Paulo, 2019.

CUNHA, L. F. C. da. Sonhar em tempos obscuros... Uma contingência ou, um antes sem depois... **Correio express – Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, ago. 2020. Disponível em: [https://www.ebp.org.br/correio\\_express/2020/08/17/sonhar-em-tempos-obscuros-uma-contingencia-ou-um-antes-sem-depois/](https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/08/17/sonhar-em-tempos-obscuros-uma-contingencia-ou-um-antes-sem-depois/). Acesso em: 10 set. 2020.

ZAFFARONI, E. R. **A questão criminal**. Rio de Janeiro: Revan, 2013.



## O FÁLICO E O FEMININO NA SOCIEDADE DO CONTROLE

***Gresielia Nunes da Rosa***

(Psicanalista, Mestre em Psicologia pela UFSC, Professora do CPOL – Seção Sul da Escola Brasileira de Psicanálise e do Curso de Psicologia da FUCAP)

Matheus me ofereceu um caldeirão de palavras: gozo, fálico, feminino, sociedade do controle, isolamento, mal-estar social, pandemia. Coisas densas e complexas. Vamos ver o que podemos fazer com isso neste nosso espaço.

Vamos pela questão do fálico e do feminino. Da maneira como ela se apresenta no título aparecem como antônimos, pares de opostos, ou uma coisa ou outra. Tentarei demonstrar do que se tratam e de como não funcionam como opostos.

Para quem está desavisado, estas duas palavras, fálico e feminino, poderiam ser confundidas com as questões de gênero. Fálico ligado ao masculino, o homem e o feminino ligado à mulher. Mas, apesar de que podem sim conversar estes temas da questão dos gêneros, não se trata nem um pouco disso.

Só para ver como estes dois assuntos podem conversar, vou colocar aqui, bem superficialmente a ideia de que o + da sigla lgbtqia + é o que está mais próximo da ordem do feminino, já que é a marca do conjunto aberto. E o resto, as letras que antecedem esse sinal estão mais para a lógica de uma identificação simbólico-imaginária e neste sentido estão mais para a ordem fálica.

Aqui já comecei a anunciar algo da diferença fundamental entre o que é fálico do que é feminino. O feminino, um conjunto aberto, que possibilita o aparecimento de singularidades, o fálico como aquilo permite uma identificação ligada ao outro, que permite um conjunto fechado.

Importantíssimo dizer que o feminino não se reduz às mulheres, podemos mesmo dizer que ser, se dizer mulher, não garante ali a presença

do feminino. Uma mulher pode estar dentro da lógica fálica. É comum que esteja. Mais ainda, não é nada mal que esteja e que se necessário, recupere e sustente esta perspectiva fálica de uma boa maneira.

Anuncio para os que não sabem, que na psicanálise se faz um elogio ao feminino, à lógica feminina. Para se ter noção do quão apreço se tem por esta lógica, fiquem sabendo que a ideia de um fim de psicanálise, de uma experiência analítica, desde o Freud até o ultimíssimo Lacan passa por poder consentir com o feminino, deixar-se operar como sujeito desde a lógica.

Digamos que o feminino é um importante lugar a se chegar no sentido que é uma forma mais satisfatória de lidar consigo mesmo, com o próprio corpo, com o outro, com a vida, com a contingência... Este destino de uma análise, por assim dizer, está tanto para os homens quanto para as mulheres. Pode não ser um lugar fácil de se chegar.

Importante ressaltar que feminino nada tem a ver com atributos ou performance que as mulheres adotam para se mostrar mais femininas na lógica comum do termo. Estes atributos “femininos”, neste sentido popular, batom vermelho, salto alto, vestido e até atributos abstratos como delicadeza e fragilidade... pasmem, estão ligados muito mais à lógica fálica.

De qualquer maneira, nossa aposta é que de fato as mulheres estão mais próximas do feminino, e que este seria sim um lugar de fala das mulheres, como já deixou claro Freud mesmo quando deu a palavra às suas históricas.

Vamos ver como estas coisas se dão. O básico neste assunto da questão fálica é que isto surgiu na psicanálise no âmbito imaginário, ligado a presença ou ausência do órgão sexual masculino, esse representante da imagem fálica. E que lá nos primórdios da constituição de cada um de nós, nos deparamos com essa presença ou com essa ausência no campo do que pode ser visto.

Meninos e homens têm e meninas e mulheres não têm. Uns têm e outros não. O órgão sexual feminino como não é facilmente localizável

no âmbito simples da visão não entrava em questão ali. Aí aparece uma dicotomia, como podem ver. Ter ou não ter. As palavras que definem esta dicotomia aqui são fálco – castrada.

Vejam bem, a dupla não é fálco – feminino e sim fálco – castrado.

As mulheres então estariam neste lugar de inferioridade, com a inveja do pênis que não tinham, e que deviam se assumir assim castradas e encontrar pela vida substitutos para isso que não tinham, como um filho, por exemplo. Com certeza estas ideias aparentemente simplórias causam um profundo incômodo na nossa alma feminista.

Bem, com o desenvolvimento teórico, a coisa não ficou por aí, nesta vertente imaginária da presença – ausência do órgão sexual masculino, mas avançou para uma lógica simbólica na qual tanto os homens quanto as mulheres ficaram dentro da lógica fálco – castração. Na lógica simbólica, se trata de ter ou não ter esse atributo (fálco) que é capaz de preencher o vazio do Outro, capaz de suturar o desejo do Outro, primeiramente da mãe. E isso está para todos os sexos.

De qualquer maneira, ainda não vemos a coisa bem assim, desta maneira minimante igualitária e o feminismo (um dos feminismos, pois são muitos) que reivindica uma posição de potência para as mulheres ainda pode ser duramente criticado.

Hoje usamos a palavra empoderamento, que faz com que alguns de nós torça o nariz, já que se trataria de as mulheres reivindicarem esse lugar da potência, reivindicarem para si a possibilidade de estarem na lógica fálca não do lado da castração, e sim da potência. Dizemos que aí elas querem apenas se igualarem aos homens, que querem ser masculinas. Masculino também é uma palavra que usamos para se referir ao que é da ordem fálca.

Cobramos das mulheres um passo a mais, que elas ponham em prática essa coisa outra que é a tal da posição feminina. Tenho dúvidas se nossa crítica à palavra empoderamento e às suas conseqüentes ações tem a ver com constatar uma pobreza da reivindicação fálca ou se ainda parece

insuportável socialmente ver a coisa se passando desta maneira. Está aí uma das coisas que gostaria de debater.

O fato é que fálico é sinônimo de masculino. O fálico também é esculpido nas praças, nas cidades, nesta forma cilíndrica peniana, os obeliscos. A imagem do falo é mesmo o pênis. Se isso é masculino, parece que não cai bem para as mulheres. Dizemos que o Chico Buarque tem alma feminina e achamos isso lindo. É bonito de dizer, sabemos, que nem para todos, é bonito de dizer que um homem tem alma feminina. Mas não acontece o mesmo se invertemos o fato. Dizer que uma mulher tem alma masculina não é bonito. Isso é muito criticável.

Será mesmo que precisávamos nomear o fálico com o masculino? Será mesmo que aquela versão freudiana imaginária segue representando firmemente essa questão? O fato é que isso gera certos problemas de interpretação. Gera uma ideia de que as mulheres nas posições de poder, por exemplo, estariam se masculinizando, deixando de ser mulher.

Criticamos muito as mulheres no poder. Dizemos sempre que elas parecem homens de saia, que imitam o modo de funcionamento dos homens. Que não conseguem encontrar um modo próprio de exercer o poder. Mas seria possível exercer o poder sem esse atributo, sem estar também na posição fálica, já que o falo é o representante da potência?

De qualquer maneira, já falando dos nossos tempos atuais, vale lembrar que os países liderados por mulheres são os que têm se saído melhor no controle da pandemia. O que isso pode nos dizer?

Minha hipótese é que isso pode ser a prova de que as mulheres de fato podem estar mais próximas do que chamamos da lógica feminina, sabendo fazer melhor com a contingência e o inesperado, sem estar presa a rigidez da lógica fálica.

O feminino é esse lugar mais aberto, digamos assim, mais aberto ao infinito, às possibilidades que não se reduzem à dicotomia significativa, ou isso ou aquilo. Presença – Ausência, ter ou não ter, potência – impotência.

O feminino é aquilo que na necessidade sabe poder recuar, sabe poder não manter a rigidez tipicamente fálica que impede de se confrontar produtivamente com o inesperado.

A ordem fálica passa por uma lógica do Eu ou Outro, quem tem e quem não tem. Um exemplo: Estamos andando numa rodovia, de repetente um carro vem na contramão. Alguém absolutamente preso à lógica fálica poderia dizer: a pista em que estou é minha por direito, então não vou sair. O outro é que saia. Podemos vislumbrar as consequências disto. O preço que se pode pagar por querer sustentar a posição de potência.

Podemos pensar estas coisas em relação à pandemia, e também sobre o que se passa no nosso país, no qual usar máscara é coisa de veado.

Bem, não é difícil fazer um elogio à lógica feminina. Mas hoje vou fazer aqui uma coisa bem demodê, bem ultrapassada, que é fazer também um elogio a ordem fálica, que lembramos, não é o mesmo que pensar no mundo dos homens, no mundo masculino, vou ousar dizer. Vou fazer esse elogio demodê porque hoje em dia o fálico é tratado como a algo a ser rechaçado, no sentido que queremos colocar abaixo o patriarcado e alcançar a “plenitude feminina”. Reivindicar o falo seria não estar à altura do feminino. Mas digamos que primeiro é preciso poder, para depois ir além disso.

O que aprendi com Lacan é que o feminino é possível, da boa maneira, quando está enlaçado com a ordem fálica. O feminino não é complementar ao fálico, o feminino está para além do fálico, digamos que é algo a mais. O fato é que o que é fálico se completa, tolamente, em si mesmo. Mas digamos que o feminino pode ir ao fálico, e “saber” que essa completude que estava ali não é tão consistente assim. E diferente da reivindicação fálica da completude, o feminino, que não acredita em completude, senão num infinito, pode inventar saídas mais satisfatórias para as contingências.

E sobre a sociedade do controle? Não vou entrar na conceituação exata do termo. Mas minha hipótese é que não é a mesma coisa viver uma sociedade do controle pela via fálico-castração e pela via feminina. Estar

ante o controle do outro como castrado não é o mesmo que estar na posição feminina.

É claro que não devemos cair na tentação de crer no bom controle. No controle que gera segurança, no controle fálico das garantias. Agamben nos trouxe essa lembrança neste momento. Mostrou sua preocupação pela nossa passividade ante a ordem dada pelo Estado de controlar as idas e vindas dos nossos corpos. Ele falou sobre o que aconteceu na Itália, que não passa nem perto do que vivemos no Brasil, em que temos um aparente descontrole da situação, um salve-se quem puder. Mas pode ser só uma aparente falta de controle. Aqui, os que fazem isolamento são muito mais vistos como fora da ordem.

Agamben foi altamente criticado, como dizemos hoje em dia, foi mesmo cancelado. Não sem razão. E ao mesmo tempo com toda a razão. Talvez ele tenha dito algo como o motorista do carro da história que contei acima. Mas ele também pode ter nos mantido alertas ao perigo de ceder rápido demais ao controle do outro.

Em situações de emergência, os estudos antropológicos e sociológicos nos mostram que lideranças autocráticas têm mais resolutibilidade do que as democráticas ou permissivas. O que nos ensina que existe horas que é preciso ceder, até mesmo, porque não dizer, se submeter ao controle do outro.

Esta aí essa coisa que se pede às mulheres, que aceite sua condição de castrada e se submeta. É possível estar nesta posição na Sociedade do controle. E assim correr o risco dos desmandos de um Outro gozador, fora da Lei.

Mas talvez, digo talvez, porque há muito que se pensar, que se pesquisar sobre esta questão, que é possível estar em certas situações emergenciais desde essa posição feminina, que não encara o outro como total, completo e sem furos. No feminino, podemos dizer, há sempre um lugar de liberdade de ação, nem que seja no campo das invenções psíquicas.

O fato é que a ausência do “piu piu” na mulher pode permitir que elas, na condição de não ter que sustentar isso, que quando se tem, bem se pode perder, permite que elas estejam também mais além da ordem do ter ou não ter, da potência – impotência. Isso permite lidar com o real, com a contingência, pela via do possível ou do impossível. Isso coloca a coisa numa perspectiva muito diferente.

Estar na lógica da potência – impotência (que é a lógica falo-castração) não é nem de perto o mesmo que estar na lógica do possível – impossível (que está na lógica feminina). A primeira, potência – impotência diz respeito ao ser, ao ser que tem poder ou não tem poder diante da situação, isso coloca o ser como foco da atenção. A segunda, possível – impossível, faz olhar para o fenômeno, o que permite não sermos ofuscado pela defesa da consistência do próprio ser (fálico).

